

# ONDE ESTÁ A PALAVRA?

Karla Brandão Bonato  
*Tenente Psicóloga da PMMG*

*“Esqueci a palavra que pretendia dizer, e meu pensamento, privado de sua substância, volta ao reino das sombras”.*

*Vygotsky*

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca avaliar a questão da linguagem na Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), a partir de observações realizadas não apenas na Clínica Psicológica, como também nas demais atividades nas quais a Psicologia se vê envolvida, nas atividades pedagógicas e naquelas observadas diariamente na rotina militar.

Refere-se à Linguagem, não apenas como mediação das comunicações e relações estabelecidas especificamente nessa Instituição, como também mecanismo estruturante dos sujeitos e instrumento de desenvolvimento e transformação.

Não há pretensão de se esgotar o tema ou apresentar conclusões definitivas pois, além de ser extremamente complexo, sua característica dinâmica permite apenas uma abertura para novos e contínuos estudos que possibilitam um espaço no campo de reflexões. Os registros por ora apresentados são fruto de observação da prática da autora, especificamente na Academia de Polícia Militar (APM) e de relatos ou discussões em grupo, comissões ou encontros com psicólogos que atuam em outras unidades da PMMG, de observações e vivências bastante similares.

## 2 A PRÁTICA DA LINGUAGEM

O trabalho da Psicologia utiliza diversas técnicas na sua atuação. As atividades dinâmicas de sensibilização, de interação ou de discussão de temas diversos, aplicadas em pequenos ou grandes grupos, objetivam melhor integração e possibilitam maior elaboração das vivências pessoais e interpessoais. Elas também buscam coletivamente soluções para situações conflituosas ou indesejáveis, estimulando mudanças comportamentais a partir da conscientização das anteriores, trabalhando aspectos motivacionais, entre outros. Nessas atividades, observam-se algumas características que são freqüentes:

- Dificuldade de se estabelecer uma comunicação aberta, na qual os participantes verbalizem livremente, realizem associações, estabeleçam sugestões ou conclusões.

- Tendência ao desvio dos temas de discussões subjetivas para discussões mais objetivas e práticas.

- São poucos os integrantes que participam ou se colocam mais efetivamente e, geralmente, são os mesmos.

- Preferência de pronomes na primeira pessoa do plural (nós) à primeira pessoa do singular (eu), nas colocações individuais.

- Expectativa ou até solicitação a um dos participantes para que ele assuma o discurso, muitas vezes pelo grupo ou em nome deste.

- Poucas colocações que representem um pensamento individualizado, que partam de um conhecimento pessoal, que se baseiem em vivências ou experiências do sujeito e que possam enriquecer as discussões ou o tema em debate.

- Funcionamento e desenvolvimento distintos, de acordo com a formação hierárquica dos grupos (a presença de superiores altera o discurso do grupo, ou inibe uma participação mais efetiva).

No atendimento clínico do gabinete psicológico, observam-se algumas situações:

- Elevado número de militares que se apresentam como que numa explosão verbal, num discurso prolixo e num “derramamento” de palavras, em busca de uma escuta ou de soluções imediatas.

- Dificuldade em dar continuidade aos atendimentos, após a verbalização de uma queixa ou demanda, o que tornaria o trabalho possível e mais efetivo. Mas requer do sujeito maior investimento verbal, através do discurso elaborado, para exprimir suas vivências ou experiências.

- Tentativas do psicólogo, muitas vezes frustradas, em criar uma demanda de atendimento por parte do sujeito, quando este é encaminhado por terceiros ao gabinete psicológico, inclusive pelo gabinete médico, após consulta.

- Frequente procura de militares com queixas ou sintomas em nível do corpo (psicossomáticas) por atendimento e que possuem dificuldade em entendê-las como emocionais.

- Comumente, pessoas ou grupos expressam, direta ou indiretamente, algum tipo de “melhora” após o contato com a Psicologia, quando ocorre exposição verbal de queixas ou sintomas a uma escuta diferenciada, vista até de forma meio “mágica”.

Nas relações estabelecidas na rotina militar:

- A linguagem, como indicadora de comunicação interpessoal, inicialmente é gestual (continência), não implicando, necessariamente, o uso de algum complemento verbal ou colocações verbais características da nossa língua (“olá”, “como vai”, “bom dia”, “boa tarde”, etc.) e regulamentadas pela nossa cultura no convívio social e familiar do militar (as vivências do militar acabam sendo antagônicas, pois no trabalho lhe é cobrada a linguagem gestual, e na sociedade, a verbal).

- Frequente solicitação de uma comunicação escrita em substituição à verbal.

- Pouco incentivo ou prática de situações ou atividades que requeiram participação verbal coletiva ou liberdade de expressão e que, ocorrendo, necessariamente não alcança seus objetivos, pois não há o estabelecimento do hábito.

- Algumas situações na rotina institucional, apoiadas pelos regulamentos que a regem, postergam ou dificultam o trânsito das comunicações verbais, retirando de seu conteúdo complementação emocional e afetiva, vindo a ocorrer quando o fato se torna distante e descaracterizado. A ansiedade ou tensão gerada pela necessidade da verbalização imediata, não satisfeita, se dirige a outros fins.

- Associação do fator disciplina às características mais passivas, principalmente no ambiente pedagógico.

### **3 ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PRÁTICA DA LINGUAGEM NA PMMG**

A partir dessas observações, questões são colocadas para serem avaliadas:

1) Teria o fator linguagem, dentro do ambiente cultural específico da PMMG, aspectos e aplicação diferenciados dos demais setores da nossa sociedade?

2) Significativamente, estaria este fator incluído na relação de fatores responsáveis pela qualidade da comunicação, das relações interpessoais, do desenvolvimento emocional e intelectual, do aspecto motivacional, da qualidade e desempenho das funções e estruturação da Corporação e de seus integrantes?

3) Uma reestruturação dos aspectos comunicacionais constituídos pela cultura militar contribuiria, juntamente com outros fatores, para uma queda significativa do índice de distúrbios psicológicos e psiquiátricos, quadros psicossomáticos, alcoolismo, suicídio, estresse e demais patologias apresentadas no quadro da PMMG?

4) No processo ensino-pedagógico da PMMG, existem características negativas e prejudiciais, de maneira geral, que podem estar relacionadas à utilização inadequada do sistema comunicacional e do uso da linguagem?

5) O ato substitui a palavra na instituição militar?

### **4 EXPLANAÇÃO TEÓRICA**

Uma explanação teórica se faz necessária, para melhor avaliação dessas questões. De forma mais ampla, recorre-se às teorias de grandes estudiosos do campo da linguagem.

A lingüística apresenta diferenciações semânticas de alguns termos bastante utilizados<sup>7</sup>:

Língua: é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma sociedade e funciona como principal código desenvolvido pelo homem em sua vida social.

Linguagem: capacidade que o homem possui de se comunicar por meio de uma língua.

Signo lingüístico: elemento representativo que apresenta um significante (imagem interna que o sujeito possui do som da palavra falada) e um significado (o conceito da palavra, o conhecimento humano sobre o mundo).

Fala: é o uso individual da língua, aberto à criatividade e ao desenvolvimento da liberdade de compreensão e expressão. Os psicolingüistas colocam como identidade entre a fala e o pensamento, que o pensamento é a “*fala menos o som*”<sup>9</sup> (p.6).

Discurso: designa a manifestação da língua na comunicação viva, através da fala. Integra o locutor e o auditor em suas estruturas.<sup>4</sup>

Comunicação: este termo merece uma atenção especial, pois determina várias formas de intercâmbio. Unidade comunicacional isolada determina uma mensagem, e uma série de mensagens trocadas entre pessoas determina uma interação.

Na área da Psicopedagogia, destacamos em suas idéias principais os estudos realizados por PIAGET e VYGOTSKY.

O pensamento e a fala são dois processos interligados, apesar de possuírem raízes diferentes. Na atualidade, muitos psicólogos identificamos como sendo dois processos distintos, ligados numa meia conexão mecânica e externa, o que impede o estudo das relações intrínsecas entre a linguagem e o pensamento. A palavra é uma união viva entre o som e o significado (sua origem deve ser buscada e a sua conexão com o pensamento). “*Uma palavra sem significado é um som vazio, que não faz parte da fala humana*”.<sup>9</sup> (p.4).

Para se transmitir experiências ou pensamentos, é necessário um sistema mediador, e seu protótipo é a fala humana, que surge da necessidade de intercâmbio em qualquer circunstância. A palavra possui duas funções, a de uma unidade do pensamento e de intercâmbio social.

Recorrendo à teoria psicanalítica, PIAGET<sup>9</sup> fala de dois tipos de pensamentos: o pensamento dirigido (que é consciente, é social, tem objetivos definidos, é inteligente, adaptado à realidade apesar de poder influenciá-la, susceptível ao erro ou acerto e é comunicado através da linguagem) e o pensamento autístico (não-dirigido, subconsciente, sua realidade não é externa e sim a que cria para si, constituída de imaginação ou sonhos, busca a gratificação de seus desejos, não estabelece verdades, é individual e só é comunicável indiretamente, ou seja, não pela linguagem, mas evocando seus sentimento através de símbolos e mitos). (p.11).

A questão contrastante que se impõe nessa teoria é a de que o pensamento dirigido é influenciado pelas leis da experiência e da lógica, já que é social, e o autístico é individualista, possuindo suas próprias leis que o regem. PIAGET também coloca uma questão muito interessante, baseando suas avaliações em crianças: a verdadeira apreensão de determinada atividade só se dá através da conscientização dessa ação, e os erros e as interrupções no decorrer de uma atividade, quando percebidos e avaliados pelo próprio sujeito, poderão se tornar um estímulo para sua conscientização e posterior avaliação. E a fala é uma expressão desse processo. Ele descreve a existência de uma fala egocêntrica, que estaria intermediando a lógica do pensamento autista e a lógica da inteligência. Seria como que uma fala voltada para si mesma, sem grande interesse pelo interlocutor. Como num monólogo, não há tentativa de se estabelecer uma comunicação, mas que acaba sendo um meio de expressão e de liberação de tensão, uma busca de solução de um problema (é o falar alto, falar sozinho, comum nas crianças pequenas que ainda não alcançaram um desenvolvimento mais elevado). Equivalente à fala egocêntrica da criança seria a fala interior do adulto, o “*pensar para si próprio*”<sup>9</sup> (p. 16).

Tanto o pensamento como a fala se desenvolveram numa mesma trajetória, da fala autística à fala socializada, da fantasia subjetiva à lógica das relações.

A fala exige uma operação mental específica, o que distingue o intelecto humano do animal. Porém, tanto os animais como os bebês utilizam meios especiais de comunicação, uma linguagem própria e bastante rica, diferente foneticamente da do homem, mas que possui um significado relacionado ao prazer e ao desprazer, ao medo, desconforto, etc. Uma linguagem emocional semelhante ao reflexo condicionado. A linguagem dos animais possui tanto a função de descarga emocional, como também é um meio de contato com outros animais de sua espécie, mas não se relaciona aos processos intelectuais, ao pensamento. A linguagem não depende necessariamente do som. No treinamento de animais de circo ou domésticos, ocorre também a interpretação de gestos e movimentos, associado ao fator visual, que se constitui de uma forma mais rudimentar do que aquela que também envolve o fator auditivo. Treinamento é o máximo que os animais conseguem e consiste em copiar ações ou manifestar condutas esperadas, sem usar da fala, ou significar seu ato, que é uma característica do ser pensante. Os papagaios podem copiar sons, mas é uma mera reprodução, sem significado e sem ideação.

De acordo com VYGOTSKY, os animais “*são capazes de transformar o ambiente num momento específico, mas não desenvolvem sua relação com o meio num processo histórico-cultural, como o homem*”.<sup>6</sup>

Em seus estudos, ele introduz a noção de conceitos. O ser humano possui um pensamento conceitual, e é a partir de seus conceitos internalizados que vai lidar com os objetos do seu eu e do seu meio. Um conceito não é uma formação isolada, fossilizada e imutável, mas sim uma parte ativa do processo psíquico, a serviço da comunicação, entendimento e solução de problemas. Ligar mecanicamente a palavra ao objeto não é criar um conceito. “*O material sensorial e a palavra são partes indispensáveis à formação de conceitos*”<sup>10</sup>. Formar conceitos e defini-los verbalmente é muito diferente. Diante de uma situação nova, o homem irá recorrer a conceitos já formados anteriormente durante a sua história, de objetos e de circunstâncias e, muitas vezes, estando os atributos destes objetos diferentes do seu conceito original, se torna uma tarefa possível. Mas é difícil, pois terá de fazer uso da abstração. Portanto, a formação de conceitos é individualizada, e cada um reage a um estímulo novo, de acordo com o seu referencial interno, dotado de conceitos anteriormente internalizados.

Na prática, diz TOLSTOI<sup>9</sup> (p.72), é impossível ensinar conceitos, quando o sujeito poderá até acatar, porém sem associação ou assimilação, sem uma construção permanente, semelhante ao papagaio. Fica um vazio por trás deste novo conhecimento. É imprescindível que ocorra uma percepção consciente das relações que constituem tal conceito. Tem de haver uma conexão afetiva favorável nesse aprendizado, uma mediação reflexiva, dinâmica para que esse novo conceito possa ser internalizado adequadamente e preceda à formação de novos conceitos, sejam eles concretos ou abstratos, senão poderá ocorrer até uma razoável assimilação. Porém uma estagnação posterior na capacidade de formar novos conceitos e conseqüentemente um embotamento do potencial intelectual existente, pois o intelecto está associado ao pensamento, e este se constitui de conceitos. O homem pode aprender a executar tarefas bastante complicadas, a partir de um adestramento persistente, porém, são realizadas mecanicamente, sem significação. A imitação não permite ao sujeito um desenvolvimento intelectual e emocional, por mais que ele seja inteligente.<sup>9</sup>

Chama-se de inteligência prática aquela que se limita à solução de problemas e de alteração do ambiente, apenas para obtenção de determinados fins.<sup>6</sup>

THORNDIKE apresenta dois tipos de aprendizado: o treinamento específico para determinadas atividades (por exemplo, datilografia), que envolve a formação de hábitos e que requer do indivíduo apenas o uso de funções inferiores e a instrução formal, que fará uso das funções superiores e da consciência reflexiva.<sup>9</sup>(p.83)

Para PIAGET<sup>9</sup>, o pensamento passa por muitas transformações, até se constituir através da fala. À medida que o pensamento se torna mais diferenciado e sofisticado, necessita de uma maior complexidade de palavras e frases para expressá-lo. Mas não é só expressão que o pensamento encontra na fala, encontra sua realidade e sua forma. O mundo se amplia com o domínio exterior. A fala interior se refere ao pensamento ou conteúdos inconscientes ainda não traduzidos em palavras, regida por leis próprias e individuais, que muitas vezes não se expressa por palavras foneticamente constituídas, mas sim por comportamentos ou atos que se traduzem por sintomas. Esse discurso interno determina uma defesa ao meio externo. A possibilidade de tornar essa fala interna em externa, que faz uso da palavra, se dá no processo do desenvolvimento favorável, pela aprendizagem correta e pela estimulação do discurso do sujeito. É sinal de evolução, a passagem do monólogo interior para o diálogo social, mas quando este tende a ser expresso por atos ou sintomas, não constituídos de significado imediatamente inteligível, é sinal de maior comprometimento do sujeito.

As palavras desempenham um papel central, não só no desenvolvimento do pensamento, como também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana. O favorável está no desenvolvimento baseado no princípio do verbo e não no princípio da ação.<sup>9</sup>

A linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real, que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. O surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento em que o biológico transforma-se no sócio-histórico.

Para VYGOTSKY<sup>6</sup> (p. 48), são os significados (conceitos) que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no “filtro” através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. Os significados são constituídos ao longo da história dos grupos humanos e, com base nas relações com o mundo físico e social em que vive, o homem está em constante transformação. O homem não pode ser privado do contato com um grupo cultural, no que se dá principalmente por meio das trocas verbais. Estas lhe fornecerão os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, tipicamente humanas.

Um dos principais instrumentos de trabalho dos terapeutas é a linguagem, e é através dela que eles podem buscar a maior compreensão dos seus pacientes e estabelecer com eles um contato. Todos os humanos utilizam a linguagem como um dos meios elementares para modelar suas experiências. “*A magia está oculta na linguagem que falamos*”<sup>2</sup> (p. 41).

“*Usamos a linguagem para representar e comunicar nossa experiência: a linguagem é um modelo do nosso mundo*”<sup>2</sup> (p. 45). Em geral, o objetivo de uma determinada forma de terapia está associada à capacidade de recuperar as partes “suprimidas” ou ausentes do modelo do paciente, o que se dá através da comunicação verbal da exposição, através da fala de suas estruturas, que inicialmente são superficiais e que poderão chegar às mais profundas, substituindo, complementando ou se identificando com elas. A linguagem transforma um processo em acontecimento, dinâmico e mutável.

O conteúdo de um discurso verbal quando se apresenta associado ao seu conteúdo afetivo, ou seja, mais próximo da vivência real, mais rico ele se torna, além de mais verdadeiro. Porém, se mais distante, devido aos mecanismos de defesa, ele se apresenta alterado e adaptado à realidade externa e terá de ser submetido, assim como no sonho, a um processo interpretativo para compreensão do seu conteúdo original.

Obviamente que essa “escuta” requer do terapeuta especificidades técnicas e vivências adequadas para melhor execução do seu trabalho e melhor utilização do material exposto. Porém, observa-se que o próprio paciente, além de sentir um alívio tensional, é capaz de aguçar sua percepção para tentar elaborar o material já existente sob outro enfoque e identificar sua fala sob outro contexto.

A linguagem, quando trabalhada no sentido técnico, na busca de sua compreensão, exige do sujeito que a recebe muita atenção e conhecimento. Não se busca a compreensão das palavras ditas, mas o pensamento subjacente e todos os componentes que se estruturam naquela fala.

FREUD<sup>3</sup> diz que os psicanalistas compreenderiam e traduziriam melhor a linguagem dos sonhos se conhecessem melhor a evolução da linguagem falada.

Porém, “todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com uma satisfação (...) a qual elas podem faltar. A outra satisfação de que trata é aquela que se sustenta pela linguagem, satisfação não da necessidade do organismo, mas a da palavra, daquilo que se diz e daquilo que não se diz”<sup>1</sup> (p. 229).

O impossível de ser dito, que está em oposição à certeza imaginária do eu, visa o vazio do sujeito, o que propicia a aparição do desejo, que para ser satisfeito, exige o reconhecimento do outro e só se exprime numa ordem simbólica, que usa material significante à medida que o esvazia de sentido, para retomá-lo numa nova organização, na qual outro sentido encontra meios de se exprimir.<sup>8</sup>

O silêncio é um lugar de espera e de paciência, não se opõe à palavra. Possibilita que os ruídos pulsionais se ordenem numa voz muda e por vezes eclodam através de outras vias. O silêncio, ou a impossibilidade da fala, remete a uma interpretação de que não há nada a dizer, porém a verdade é que ele “diz” que há algo a ser dito, supondo-se então que existe um saber, um saber ocultado e talvez...abafado pelo tempo, pela “ausência” de palavras. Falar dessa ausência da fala, falar desse silêncio, significa se aproximar desse saber.

O desejo do inconsciente manifesta-se através da demanda, demanda esta registrada na dimensão da fala, seja a verbal, seja a do silêncio, não-verbal, seja a do sintoma na questão psicossomática (quando é o corpo que fala).

LACAN diz que “toda palavra chama resposta”<sup>5</sup>. E recorrendo ainda a ele: “No momento importa-nos tão-somente ressaltar a inevitabilidade da mediação do discurso intersubjetivo, pelo qual o sujeito se inscreve, num horizonte de intercâmbio e encontro, que vai assinalar a marcha constante do seu desabrochamento. É verdade que se delineia também aqui um perigo: o da elaboração, pelo discurso, de uma falta de imagem de si, que o sujeito procura impor ao reconhecimento do outro. Mas esta é uma obra de alienação que só faz aumentar o coeficiente alienante da ilusão de uma imagem de si irreal e desagregadora. Por ela o sujeito afasta-se sempre mais da sua verdade para projetar-se, dilacerado e dividido, num mundo de mentira e de radical decepção”.<sup>8</sup>

## 5 CONCLUSÃO

A teoria aqui apresentada, paralelamente às questões da PMMG, tanto em relação ao que este trabalho levanta, como às que a própria Corporação, em suas *praxis*, declara, por si só monta um contexto de emergente reflexão.

No decorrer da leitura, as conclusões e verdades se desnudam aos olhares mais atentos. Apresentar o que está claro, apesar de embutido, seria reforçar contraditoriamente o que foi denunciado pela teoria, que é o de falar por, definir por, sugerir por, concluir por...

Concluir este trabalho significaria encontrar a palavra perdida? A minha? A sua?...

Os conceitos não podem ser efetivamente ensinados. Portanto, foram oferecidas as ferramentas necessárias ao que a teoria sugere: refletir, discutir, pensar, avaliar e, principalmente, se conscientizar para a criação de alternativas, saindo das trevas do silêncio, ao encontro da luz da possibilidade, que se dá através da fala.

A expectativa é de que os múltiplos caminhos constituídos estejam, pelo menos, iluminados, para que neles se inicie uma jornada em busca do tesouro perdido... a palavra!...

## REFERÊNCIAS

- 1 ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
- 2 BANDLER, Richard; GRINDER, John. **A estrutura da magia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1977.
- 3 FREUD, Sigmund. O duplo sentido antitético das palavras primitivas. **In: Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Delta, 1959. v.7. Psicanálise Aplicada. p. 107-114.
- 4 KRISTEVA, Júlia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1974.
- 5 MILLER, Jacques Alain. **Percurso de Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- 6 OLIVEIRAS, Marta Kohl. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.
- 7 PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Nacional, 1974.
- 8 QUEIROZ, Josélia Barroso. Linguagem e escola – Uma leitura psicossocial. **Pretextos**. Belo Horizonte, Departamento de Psicologia da PUC/MG, p. 5-12, abr. 1993.
- 9 VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 10 WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON Don D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1981.